



CENTENÁRIO DE CAIO PRADO JÚNIOR: debate sobre sua atualidade¹

Dalcy da Silva Cruz²

RESUMO

O presente ensaio discute a atualidade do pensamento de Caio Prado Júnior. Argumentamos acerca do fio condutor desta obra – o sentido tomado pela colonização brasileira, que ainda hoje traspassaria as relações sociais no país. Este caráter originário repercutiria na formação de um capitalismo peculiar, estruturado na contradição oriunda de um contexto social de continuísmo. Este núcleo do pensamento caiopradiano se refletiria, ademais, no conjunto de sua obra, como a fundação da Editora e da Revista Brasiliense.

Palavras-chave: Caio Prado Júnior; Colonização; Capitalismo.

¹ O presente texto constitui parte da tese de doutoramento defendido pela autora, em 2001, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Agora revisada e ampliada para uma apresentação em uma mesa redonda denominada *Pensamento social e sociabilidade no Brasil*, no XIII Seminário de Pesquisa do CCSA-UFRN, cuja temática compreende: Universidade, Políticas Públicas e Solidariedade. Realizado nos dias 13 e 17 de agosto de 2007, em Natal/RN.

² Doutora em Educação. Professora do Depto. Ciências Sociais da UFRN.

O centenário de nascimento do intelectual paulista Caio Prado Júnior, comemorado em 2007, foi uma homenagem justa, tendo em vista a prática política que sempre pautou suas ações. É necessário, no entanto, ressaltar que essas ações sempre estiveram intimamente articuladas com sua vida pessoal e sua militância política/intelectual, seja pesquisando os acontecimentos mais relevantes, seja observando o cotidiano. Como incansável leitor de jornais e outros periódicos, sua curiosidade o fez um permanente leitor do mundo e do texto. Cândido (1989) tem um belo argumento que corrobora esse proceder:

[...] o conhecimento de Caio Prado não se formou por via indireta, mas pelo contato primário e inconfundível da experiência pessoal [...]. O conhecedor e da história e da economia do Brasil se confunde na sua personalidade intelectual ao incansável viajante e observador, ao espírito sempre aberto para o fato do dia, ao leitor sistemático e microscópico dos jornais. (p. 24).

Esses atributos se manifestaram através dos seus textos e da sua prática diária, se envolvendo com os movimentos populares, ou mesmo refletindo teoricamente sobre a realidade brasileira, seu grande laboratório. É ainda Cândido que afirma: “[Caio Prado Júnior foi] um pensador que reúne a solidez da experiência concreta, a penetração da leitura dos documentos e a firmeza das condições que iluminam a interpretação (ibidem, p. 26).

Caio Prado Júnior também não deixou de exercer sua crítica, às vezes impiedosa, àqueles que em sua opinião tinham uma visão equivocada sobre a história, sobretudo a brasileira. Enfim, seu espírito inquieto e curioso não o deixava ficar ausente da cena política e intelectual do país.

Como intelectual engajado na vida da Nação, talvez se possa dizer de Caio Prado Júnior que ele foi um produtor/organizador da cultura, no sentido gramsciano. Aquele cuja função organizativa segue na direção de uma ação da qual o sentido é transformar a sociedade brasileira, não somente como político, mas enquanto indivíduo que persegue uma meta a alcançar. A partir do concreto, vai encaminhando suas ações, com o objetivo de contribuir para a reorganização da sociedade que se pretenda nova em seu conjunto. É uma ação que tem um direcionamento: organizar a cultura articulada com um projeto político-cultural para transformar a realidade.

Nos anos 1930, os intelectuais percorrem um itinerário de redescoberta do Brasil. O país vivia uma efervescência política e cultural, favorecendo a criatividade, a inteligência e as condições de classe, nas quais estavam imersos Caio Prado Júnior. Por tudo isso, seu emergir na cena intelectual com uma proposta de interpretação de seu país, não consensual, o tornou um intelectual de vanguarda pela originalidade de seu pensamento. Iglésias (1982) tem um argumento que traduz muito bem o que foi Caio Prado Júnior, naquele período:

O novo país vive uma nova fase em fecunda efervescência, porém, começa a percorrer outros caminhos. É nesse quadro de reformulações e aprofundamento que se inscreve a obra dos inovadores. Entre eles, as de Caio Prado Júnior, uma das expressões dessa vanguarda. (p. 13)

É nesse contexto que Caio Prado Júnior emerge com sua profunda reflexão sobre a formação social brasileira, a partir de um método novo, como ele mesmo afirmava: o *materialismo histórico*. Com este aporte teórico, sua obra marca um divisor entre o que já vinha sendo discutido sobre o Brasil. Assim, para Ianni (1989, p. 78), Caio Prado “inaugura um estilo de pensar a realidade brasileira”. Segundo o autor, havia “toda uma historiografia baseada nela”.

Desse modo, observamos que, mesmo com 74 anos de vida, sua obra vem resistindo ao tempo e às críticas, não obstante o veio teórico que a traspassa – o materialismo histórico. Como uma inovação teórico-metodológica, bem como no campo da história, tornou-se um clássico, referência fundamental para se interpretar e conhecer o Brasil. Essa é a opinião de muitos pensadores brasileiros, dentre os quais invocamos Oliveira (1986, p. 150), que considera Caio Prado Júnior um fundador da teoria da história econômica brasileira, cuja influência chegou a Celso Furtado, eminente economista brasileiro. Mas, faz uma ressalva: embora não tenha podido transformar sua teoria em pauta de ações da burguesia nacional, por adotar uma vertente teórica de teor marxista, se constitui em ampla e permanente referência da cultura de esquerda, desempenhando seu papel de articulador do debate intelectual e político, tanto pelos seus escritos como através da *Revista Brasiliense*.

Caio Prado Júnior, além de intelectual e militante político, foi também empresário. Criou, em 1940, uma editora – Brasiliense – que se prestava a editar seus escritos e de outros autores que se debruçavam diante os problemas nacionais brasileiros. Além da editora, criou a já citada Revista Brasiliense, em 1955, que serviu como fórum de debates sobre os problemas fundamentais referentes ao conhecimento do Brasil e seus rumos, enquanto

Nação. Com o golpe civil-militar de 1964, a *Revista* foi fechada e o Brasil perdeu um grande veículo de circulação das idéias de interesse geral. Isso demonstra que seus vínculos com a cultura brasileira e, sobretudo, paulista, foram permanentes, no sentido de uma reflexão acerca de um projeto de Nação, compreendendo o marxismo, nacionalismo, economia, identidade nacional, educação, cultura e questão agrária.

Nesse sentido, várias gerações de estudantes e intelectuais, desde décadas passadas, tiveram o privilégio de conhecer o Brasil do passado e, assim, entender o presente através de livros, como *Casa-grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre; *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda; *Formação do Brasil Contemporâneo* (1933), de Caio Prado Júnior, obras essas que exprimem um pensamento ligado a um “radicalismo intelectual e análise social” (CÂNDIDO, 1989), presentes nos escritos vindos dos anos 1930, do século passado.

Esse pensamento esteve presente nos debates políticos dos anos 1960, do século XX, sobretudo para os que viveram as dificuldades do golpe civil-militar de 1964. É difícil esquecer o impacto provocado “no pensamento e nas práticas da esquerda”, com a publicação do livro *A revolução brasileira*, de Caio Prado Júnior, que traz à luz um duro “ajuste de contas com a tradição dominante em nosso pensamento revolucionário”. (GARCIA, 1989, p. 271).

Naquele momento, o Brasil passava por uma profunda crise política, e a esquerda era quase que desmantelada pela derrota sofrida com o golpe. Mesmo assim, a repercussão causada pelo livro nos meios políticos e intelectuais estabeleceu a importância de articular o passado e o presente para um melhor entendimento do que a história estava a mostrar. Dois acontecimentos marcaram, de modo significativo, aquele momento: o fechamento da Universidade aos debates políticos e sociais, e do Partido Comunista às teses caiopradianas sobre os rumos da revolução. Esses acontecimentos foram de grande significância para a historiografia brasileira.

No primeiro caso, as obras de Prado Júnior foram omitidas das bibliografias dos vários currículos, “privando gerações de um contato com uma das mais luminosas cabeças que as ciências sociais brasileiras produziram” (GARCIA, 1989, p. 272). Alguns aspectos desses procedimentos podem ser buscados, inicialmente, pela atualidade do seu pensamento quanto à formação brasileira em termos históricos e pelos equívocos praticados por aqueles que tentavam conhecer o presente para transformá-lo. Depois, pode ser apontado pelo

“conservadorismo da universidade brasileira até os anos 60”, que vai se modificando com o fechamento das possibilidades de um debate mais democrático durante a ditadura. Embora este comportamento tenha sido a regra em muito desses locais, Caio Prado Júnior foi sendo introduzido nos debates como uma demonstração de que seu pensamento era e continua sendo indispensável “para a inteligência da sociedade brasileira”, que ainda está preocupada em explicar o presente com elementos do passado, a fim de apreender as perspectivas de uma nova sociedade.

Quanto à reação do Partido Comunista de ignorar a produção de Caio Prado Júnior, fato, aliás, já discutido em outras ocasiões, também mostra estranheza, tendo em vista a sua linha fundada no “marxismo como método de análise da realidade social e política”. (GARCIA, 1989, p. 273).

Sobre o impacto que causaram as obras de Caio Prado Júnior, Antonio Cândido aponta como fator determinante o caráter renovador que assumiu para se conhecer o presente na história do Brasil. Em seu livro *Formação do Brasil Contemporâneo*, de 1924, está explícito o compromisso de Prado Júnior em trazer, “para a linha de frente, os informantes coloniais de mentalidade econômica mais sólida e prática”, dando exemplo de como a “interpretação do passado deve partir das realidades básicas da produção, da distribuição e do consumo”, para se entender o presente que continua a se desenrolar como que nas mesmas bases: uma produção em larga escala; uma distribuição desigual, desembocando num consumo restrito a uma classe que continua detentora do poder e da riqueza.

Assim sendo, Caio Prado Júnior, com base nos fatos, busca uma linha interpretativa apoiada no materialismo histórico:

[...] que vinha sendo em nosso meio uma extraordinária alavanca de renovação cultural e política; e que, nessa obra, aparecia pela primeira vez como forma de captação e ordenação do real desligado de compromisso partidário ou desígnio prático imediatista. (CÂNDIDO, 1989. XLI).

Sua proposta era desmistificar o passado para se entender o presente, com uma visão de conjunto, sem a mitologia dos contrastes, ou dos antagonismos, presentes nos escritos dos ensaístas dos anos 1920. Caio Prado Júnior se sobressai, com originalidade, por sua maneira de ler e interpretar o Brasil. É por isso que seu pensamento estende-se aos anos 1960 e perdura até os dias atuais, apesar das polêmicas que tem suscitado.

Obviamente, uma obra de tão vasta dimensão como é a de Caio Prado Júnior, e de caráter renovador, tanto do ponto de vista teórico-metodológico quanto historiográfico, não poderia deixar de escapar da polêmica e das controvérsias, mesmo porque, como um grande pensador, apesar de avançar no tempo e superar preconceitos, não consegue se desvencilhar dos elementos de sua época. Tanto as suas interpretações quanto a sua maneira de ver a formação social brasileira sofrem críticas e reparos, a despeito das pesquisas profundas, de recriação e renovação de conceitos e sugestões com as quais produziu seu saber. De fato, com base na história, ele procura explicitar a “sucessão de episódios muito semelhantes”, que marcam o panorama da “nossa história e, particularmente, nossa história econômica”. Acontecimentos que “se repetem monotonamente no tempo e no espaço. E continuam repetindo-se. Essa é a razão porque afirmo [...] ser a nossa história um Presente de nossos dias” (PRADO JÚNIOR, 1954, p. 30).

Num primeiro momento, essa afirmativa parece expressar um quadro de evidente simplicidade. No entanto, esconde uma história de contradições e muita complexidade, pois, apesar de recorrente, essa realidade

[...] resulta da convergência de povos distintos, provindos inicialmente de três continentes – Europa, América, África que iniciaram em conjunto uma obra única: a edificação de uma sociedade e economia norteadas por um objetivo preciso e bem definido, que foi o de explorar os recursos naturais de um território praticamente virgem com vistas ao comércio europeu. (PRADO JÚNIOR, 1954, p. 32).

Essa é a tese fundante do pensamento caiopradiano, recorrente em todos seus escritos, deixando, muitas vezes, a impressão de que o autor se repete. Esse aspecto, porém, não diminui a importância da sua contribuição ao pensamento social brasileiro e à atualidade de seus argumentos, tanto pela inovação como pela originalidade. É inegável que ele foi o fundador de um pensamento novo na interpretação do Brasil.

O impulso criador de Prado Júnior resultou em uma produção que legou ao Brasil uma das mais monumentais obras, cujo saber tem marcado sucessivas gerações. Hoje, figuram na galeria daqueles que produziram idéias, explicaram a formação do Brasil e abriram um caminho para desvendar e compreender o passado longínquo, ligado a um presente contraditório, apontando para um futuro cheio de perspectivas.

Sua curiosidade fecunda e objetiva, aliada a uma postura crítica perante a vida, fez de Caio Prado Júnior um intelectual comprometido, engajado, criativo e coerente. Enfim, um

pensador interpretativo, original e pioneiro, que, devido à sua obra que é marcada por essas qualidades. Ao se apoiar em pressupostos históricos, trabalha com o passado e o presente, em direção ao futuro. Faz, portanto, “uma interpretação diferente, original e influente. Redescobre o passado, repensa o presente e abre perspectivas sobre as tendências futuras” (IANNI, 1989, p. 63).

O conjunto de sua obra “transborda de longe a formação do Brasil contemporâneo, bem como as condições e possibilidades da revolução brasileira” (IANNI, 1989, p. 65). Expressa uma interpretação marxista da história do Brasil, de forma a delinear, em seus contornos principais, sobretudo nos livros de 1933, 1942 e 1945, seu entendimento sobre os fundamentos da formação da sociedade brasileira. Os treze livros restantes são retomadas das primeiras reflexões, através das quais procura enfatizar alguns pontos ou ampliar outros, mas sempre mostrando as controvérsias, contradições e impasses, sem deixar de acenar com as possibilidades de transformação. Sua construção historiográfica é concluída com *A revolução brasileira*, de 1966, em que apresenta uma proposta de ação política.

A obra de Caio Prado Júnior é, portanto, o resultado de uma profunda e minuciosa pesquisa acerca das relações sociais, processos e estruturas, em que estão presentes realidades econômicas, políticas, culturais, bem como formas de vida, de trabalho e de sociabilidades estabelecidas na Colônia. Nela, são contempladas as diversas conjunturas, sempre com o objetivo de deslindar os contornos da configuração histórica da formação nacional, ou seja, da identidade brasileira.

Trata-se de uma interpretação que abrange a Colônia, o Império e a República, três conjunturas relevantes para a história, sem, contudo, negar os processos contemporâneos, os quais são contemplados nos últimos livros. Na sua reinterpretação, Caio Prado articula os elementos que compõem o quadro da formação social brasileira, como a economia e o escravismo; a agricultura e a indústria; as relações sociais e a conformação das classes a partir do passado escravista; as pressões resultantes das forças internas e externas no campo e na economia. Ele procura também refletir sobre as contradições entre Estado e sociedade civil, com a preocupação de diagnosticar a realidade concreta para apreender os elementos que constituem a formação da nação.

Essa reinterpretação do Brasil se fundamenta, então, em três pilares: a) o *sentido* da colonização; b) as relações de trabalho com base no escravismo; c) a especificidade do

capitalismo brasileiro. O primeiro se constitui no fio condutor de toda a obra, como se fora a linha mestra que sustenta seus argumentos.

Para analisar o passado brasileiro, Caio Prado Júnior percorre a história em três momentos: Colônia, Império e República, nos quais figuram aspectos de grande significado para o conhecimento histórico, como já enfatizado. O primeiro momento é marcado pelo colonialismo, que delinea os contornos da estrutura econômica e das relações sociais. No segundo, é o imperialismo que marca, de forma acentuada, a sociedade. Por fim, ocorrem transformações de ordem política, que irão repercutir na organização política.

É nesse panorama que Caio Prado Júnior comporá o quadro da formação social brasileira, considerada sua essência, expressa em seus escritos sobre o sentido da colonização:

Se vamos à essência da nossa formação, veremos que a realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes, depois algodão e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais do que isto. É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem de interesse daquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economia brasileiras. Tudo se disporá naquele sentido: a estrutura bem como as atividades do país. Virá o branco europeu para especular, realizar um negócio; inverterá seus cabedais e recrutará a mão-de-obra que precisa: indígenas ou negro importado. Com tais elementos, articulados numa organização puramente produtora industrial, se constituirá a colônia brasileira. O “sentido” da evolução brasileira, que é o que aqui estamos indagando, ainda se afirma por aquele caráter inicial da colonização. (PRADO JÚNIOR, 1942, p.26).

Dessa interpretação, fica claro que o sentido da colonização é um processo que não se faz homogêneo, nem único, vai se metamorfoseando conforme as conjunturas, transformando-se de acordo com o jogo de forças, seja este de ordem interna ou externa. As contradições assumidas pela conjuntura são forças presentes na realidade que criam e recriam situações que fazem parte do panorama geral da sociedade.

Como exemplo, pode ser lembrado a transição de uma economia primária e exportadora para uma de caráter substitutivo das importações. Esse momento em que o capital estrangeiro, associado ao nacional, se faz dominante, é o período marcado pela monopolização da economia e do poder político pelo capital financeiro. São desdobramentos que marcam momentos diferentes, tanto política, social, quanto economicamente, no panorama nacional. Tais momentos, articulados interna e externamente, evidenciam a expansão capitalista, substituindo capital mercantil, expressões das transformações ocorridas

em nível mundial. É o presente emergindo do passado e abrindo perspectivas para o futuro. De uma economia voltada para fora, de uma situação de dependência de capitais externos, de flutuações conjunturais, a empresa produtora do Brasil iniciou e, de certa forma, continua subordinada e dependente. Assim, o “sentido” da colonização tanto revela o que movia a empresa mercantil, que no Brasil se instalara, como desvenda as particularidades da formação brasileira desde a sua origem, explicitando como ocorreu a expansão capitalista no mundo e suas repercussões na Colônia e em outros momentos e, como, no século XVI, o Brasil já era seu contemporâneo.

Quanto à escravidão, segundo pilar que sustenta a formação social brasileira, estende-se até o final do século XIX e, segundo Caio Prado Júnior, foi a parte organizada da sociedade colonial. Além de realçar os fundamentos da produção intelectual, sua importância para a metrópole acentua os traços mercantis por se constituir em um dos produtos fundamentais de troca. Foi a forma particular de exploração que o capital encontrou para dar suporte às atividades econômicas. O que não estivesse restrito ao trabalho escravo era desorganizado, marginal, secundário, irrelevante. Durante os três séculos de escravidão, a organização da sociedade brasileira foi determinada por ela, a qual iluminou a vida em seu conjunto: política, economia, estrutura de classe, cultura.

Assim, no campo como na cidade, no negócio como em casa, o escravo é onipresente. Torna-se muito restrito o terreno reservado ao trabalho livre, tal o poder absorvente da escravidão. E a utilização universal do escravo em vários misteres da vida econômica e social acaba reagindo sobre o conceito de trabalho, que se torna ocupação pejorativa e abandonada (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 277).

Por fim, o terceiro sustentáculo dessa formação diz respeito à especificidade do desenvolvimento capitalista brasileiro, caracterizado pela contradição entre sua contemporaneidade e a presença do passado escravista. A articulação entre estes extremos evidenciou um mapa multifacetado que Caio Prado Júnior chamou de *ciclos*, caracterizando a economia. Para os ensaístas anteriores, eram as dicotomias que mostravam os dois brasis. Nos vários momentos, dos ciclos ou brasis dicotômicos, não deixou de aparecer a ebulição política e social, marcada por movimentos como as revoluções populares, de índios, escravos, quilombos, abolicionistas, a luta pela independência, pela República. Movimentos que, certamente, demonstravam que a herança de dominação, fundada nas relações escravistas, deixou marcas profundas na sociedade, na cultura e na política, criando, também,

contradições para o aparecimento de reação às mais variadas formas de dominação, até hoje presentes na sociedade brasileira.

Além desse resultado fecundo da produção intelectual de Caio Prado Júnior, que alcançou relevância em termos de conhecimento e formação do Brasil, outra contribuição de fundamental importância foi a fundação da *Revista Brasiliense*, que estimulou, em uma década, o debate sobre o Brasil.

A *Revista Brasiliense*, órgão de imprensa de vanguarda, obteve repercussão em todos os recantos do Brasil, marcando “época nos anais de nossa cultura” (LIMA, 1986, p. 190). Seus temas eram abordados com profundidade, além de gerados com uma extrema atualidade. As opiniões a respeito do pensamento político na *Revista Brasiliense* são esclarecedoras quanto à sua importância. Motta (1977) afirma que, além de “fundamental para o pensamento de esquerda do Brasil dos anos 50 e 60, poderia igualmente servir de indicador” nos debates de então, sobretudo pelos artigos de Caio Prado Júnior, que, entre muitos colaboradores, foi um permanente articulista com teses sobre o nacionalismo, imperialismo, desenvolvimento, socialismo. (MOTA, 1977, p. 206).

Com efeito, o papel desempenhado por esse instrumento de vanguarda, no âmbito do conhecimento sobre o Brasil do passado, seus problemas do presente e as perspectivas para o futuro, ainda hoje estão presentes na historiografia sobre o Brasil. É ainda Mota quem fala sobre a importância da *Revista Brasiliense*, incluindo-a, entre outras, como um dos raros instrumentos de exercício da crítica historiográfica, que circularam no Brasil, dentre estas: “publicações mais conseqüentes, como a *Revista da Civilização Brasileira* (dirigida por Ênio Silveira) e *Anhembi* (de Paulo Duarte)” são emblemáticas, embora tenham deixado de circular, abrindo uma lacuna e um espaço para os tradicionais “explicadores do Brasil, os quais permanecem extremamente zelosos em relação à sua produção” (VJEA, 1975, 2 jul., p.8).

A *Revista Brasiliense*, na condição de instrumento de debates e proposições no âmbito da produção do pensamento social brasileiro, participou de um momento muito especial da história brasileira – 1955-1964. Apesar da variedade de temas que a compunha, havia, na linha editorial, um núcleo que orientava as discussões: “as questões do socialismo e da democracia”, temática inserida no debate político da época. Com esse espírito, se propunha a “congregar os estudiosos da sociedade brasileira para debater os problemas econômicos,

sociais e políticos do Brasil” (MENDES, 1988, p. 12). Muito embora participasse dos debates do momento, o pensamento da Revista foi, de certa forma, autônomo em relação à esquerda e, principalmente, ao Partido Comunista, do qual muito de seus militantes compunham o corpo de seus articulistas. Seu objetivo primeiro era o de construir um projeto político para o país, sob a inspiração de um de seus fundadores, Caio Prado Júnior, que, como intelectual engajado, juntamente com outros intelectuais, procurou desempenhar o papel que, segundo Gramsci (1968), compete aos mesmos: organizar e difundir a cultura com vistas à execução de um projeto mais amplo: transformar a realidade.

Nesse sentido, a Revista tinha como tarefa precípua lutar “pela economia nacional, uma política nacional, uma cultura nacional”, papel que tentou desempenhar, entre 1955 e 1964, “ao desvendar e desmistificar o imperialismo, ao mostrar através de suas análises dos acontecimentos o verdadeiro cerne das contradições de classes sociais no Brasil”. (MENDES, 1988, p. 65).

Dos debates travados à época, por homens e textos, a questão da origem e formação da sociedade brasileira surge como preocupação central de tantos deles, principalmente dos escritos do pensador Caio Prado Júnior. Suas análises convergem na direção de conhecer o passado para explicar o presente, “porque ele foi sempre um intelectual militante. Caio formou uma idéia a respeito de dois aspectos do passado brasileiro fundamentais para a caracterização do presente”. (GORENDER, 1989, p. 259).

Sua compreensão do passado colonial estava em desacordo com a idéia da formação brasileira, que orientava as ações do PCB, embora fosse membro desse partido. Assim, ele sempre esteve contra as correntes dessas idéias e dessas ações, mostrando com essa posição a marca da ruptura e originalidade, que caracterizaram sua trajetória intelectual, política e de classe.

Quanto aos demais ensaístas, que figuram no quadro das análises do Brasil, apesar de convicções políticas distintas e filiação teórica, muitas vezes divergentes, apresentam pontos convergentes nas suas idéias: todos estão preocupados em desvendar a trama da história quanto à miscigenação, sua contribuição e seus males, enfim, qual o papel da escravidão na formação do caráter nacional, qual foi a formação da família patriarcal, seu papel e seus poderes em termos econômicos, políticos e sociais. Contudo, predomina em Euclides da Cunha, Alberto Torres, Azevedo Amaral, Manuel Bomfim, Oliveira Vianna, Gilberto Freyre,

Sérgio Buarque de Holanda, Fernando Azevedo, Anísio Teixeira e Caio Prado Júnior uma preocupação central: conhecer os fundamentos que contribuíram para a construção da nacionalidade brasileira, a partir do tipo de economia, aqui desenvolvida, da presença do negro, do branco e do índio. Para uns, o maior relevo é da cultura ariana. Para outros, o negro é tido como fator mais relevante. Ou ainda apenas a força física para a produção material – posição de Caio Prado Júnior.

Dessa panorâmica, procurou-se dar maior ênfase ao objeto particular da análise caiopradiana – o *sentido* da colonização – sem a pretensão de apreender a totalidade de seu pensamento, mas tão-somente a partir daí, situá-lo no âmbito da produção ensaística enquanto produtor/organizador de um saber ampliado, que carrega a marca da originalidade e da renovação.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, A. A força do concreto. In: **História e ideal**: ensaios sobre Caio Prado Júnior. (Org) Maria Ângela d'Incão. São Paulo: UNESP/Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura e da Educação de São Paulo, 1989, p. 23-6.

GORENDER, J. Do pecado original ao desastre de 1964. In: **História e ideal**: ensaios sobre Caio Prado Júnior. (Org) Maria Ângela d'Incão. São Paulo: UNESP/Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura e da Educação de São Paulo, 1989, p. 259-69.

GARCIA, M. A. Um ajuste de contas com a tradição. **História e ideal**: ensaios sobre Caio Prado Júnior. (Org) Maria Ângela d'Incão. São Paulo: UNESP/Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura e da Educação de São Paulo, 1989, p. 271-78.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

IANNI, O. A dialética da História. **História e ideal**: ensaios sobre Caio Prado Júnior. (Org) Maria Ângela d'Incão. São Paulo: UNESP/Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura e da Educação de São Paulo, 1989, p. 63-78.

KONDER, L. A façanha de uma estréia. **História e ideal**: ensaios sobre Caio Prado Júnior. (Org) Maria Ângela d'Incão. São Paulo: UNESP/Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura e da Educação de São Paulo, 1989, p. 132-40.

LIMA, H. F. Revista Brasiliense: sua época, seu programa, seus colaboradores, suas campanhas. In: **Inteligência brasileira**. (Orgs) Reginaldo Moraes, Ricardo Antunes, Vera B. Ferrante. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 179-92.

MENDES, J.G.D. **Alguns aspectos essenciais do pensamento político da Revista Brasiliense**. Araraquara: UNESP, 1988. (Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia de Araraquara).

MOTTA, C. G.. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)**: pontos de partida para uma reflexão histórica. 3 ed. São Paulo: Ática, 1977.

OLIVEIRA, F. Celso Furtado e o pensamento econômico brasileiro. In: **Inteligência brasileira**. (Orgs) Reginaldo Moraes, Ricardo Antunes, Vera B. Ferrante. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 149-68.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo** – Colônia. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942.

_____. **Diretrizes para uma política econômica brasileira.** Gráfica Urupê Limitada, 1954. (Monografia para o concurso à Cátedra de Economia Política na Faculdade de Direito da USP).

REVISTA VEJA, 1975. (número desconhecido). Entrevista com Carlos Guilherme Mota, p.8.